Simone Lamberlin,
Dimensions de la psychanalyse
Colóquio de Convergencia : Crise da cultura
Paris, 28-29 de setembro, 2019

Subjetividade ou sujeito

Espontaneamente, a crise da cultura me reenviou ao meu trabalho como professora de filosofia no ensino médio e à dificuldade atual da transmissão. E também à questão de Enrique Tennenbaum, no congresso de Tucumán, após minha intervenção sobre O Tempo Lógico de Lacan, "o que acontece com o sujeito?". A crise tem uma relação com o tempo, isso seria um conflito entre o passado e o presente; Hannah Arendt retoma, em "A crise da cultura", o conceito de Brentano, do século XIX, que escreve uma sátira ao filisteu "que designa um estado de espírito que julga tudo em termos de utilidade imediata e de "valores materiais"". A ideia de crise da cultura não é nova e muitas obras em sociologia, ... consideram o declínio do tempo presente.

Mas e a psicanálise? Há algumas décadas, uma doxa vem se desenvolvendo no campo analítico, denunciando uma dessimbolização e um declínio da "imago paterna". Esses efeitos resultariam da estrutura do discurso capitalista e levariam a "outras consequências que a clínica analítica registra, a formação e recente expansão de uma nova economia subjetiva que se define como sendo apoiada por um "novo" sujeito com novos sintomas, e cuja característica essencial é especificada por uma relação mais frouxa do sujeito ao inconsciente e imediata às passagens ao ato, às satisfações diversas"... Esta é a tese de Nicolas Guerin em um artigo, "A ideologia do declínio da psicanálise".[1] Essa doxa, na psicanálise, diz ele, retoma a tradição da crítica social e procede de uma ideologia da decadência.

Essa ideologia deveria ser objeto de uma elucidação epistemológica, algumas obras já surgiram para mostrar seu caráter ideológico e empreender uma crítica da dessimbolização e dos novos sintomas.

A questão é, pois, qual o impacto dos discursos sobre o sujeito do inconsciente, do que estamos falando? Não há uma confusão ao se falar de um novo sujeito que responde às novas articulações do laço social?

Em um primeiro tempo, para Lacan, a subjetividade era considerada como o próprio do sujeito, com exceção do tempo lógico (1945), o ato que revela o sujeito no terceiro tempo (o instante de ver, o tempo para compreender, o momento de concluir). Não há sujeito senão na contingência dessa ruptura, sem a qual nada é criado de necessário. Dos anos 1960 até os últimos seminários, Lacan insiste na distinção entre subjetividade e sujeito, trata-se então de analisar de onde vêm essas várias publicações que fazem o amálgama entre sujeito e subjetividade.

Em 2009, na revista *Psychanalyse*[2], Erik Porge e Marie-Jean Sauret respondem às questões de Nicolas Guerin, o título do artigo é "O sujeito novamente em questão" ["Du sujet de nouveau en question"]. Essa troca me parece frutífera porque os interlocutores são convocados para explicar sua posição.

Vou retomar os argumentos desse debate para mostrar o que está aí em jogo.

Nicolas Guerin coloca a questão: "Em 1953, Lacan convidou a abandonar a prática analítica "quem

1 Este artigo foi objeto de uma comunicação de uma jornada de estudos da revista *Essain*, sobre «a vivacidade do sujeito», organizado em Paris, em 5 de dezembro de 2009.
2 Revue : *Psychanalyse,* 2009/3 (n° 16). [Revista: *Psicanálise*, 2009/2 (n° 16).

não consegue alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época".[3] Para vocês, o que são a subjetividade de uma época e seu horizonte? E que diferenças vocês fazem entre sujeito e subjetividade?

Os dois interlocutores respondem, vez por vez, à pergunta de Nicalas Guerin.

Marie-jean Sauret insiste na história da psicanálise americana e depois a lacaniana para mostrar que o sujeito ou a subjetividade variam ao longo do tempo. Ele coloca a questão do “real” que procurava Lacan através da “subjetividade de seu tempo”, ele cita os “complexos familiares” (1938) e insiste: “Lacan manterá até o fim o fato de que o complexo de Édipo acompanha a inscrição do sujeito na história, ao mesmo tempo no plano antropológico e no plano singular. Com os complexos familiares o pai já é carente, humilhado, em referência à Trilogia de Claudel talvez e então a explicação da carência do pai não seja novidade, porque Claudel é contemporâneo de Freud. Então MJS faz a distinção entre a subjetividade e o sujeito, que é o efeito da articulação significante e que recebe sua estrutura da linguagem, ele considera que "a noção de subjetividade leva em consideração a inscrição histórica do sujeito, porque os discursos com os quais ela se efetua são concretamente pronunciados." Sempre a mesma ambiguidade sobre o termo sujeito, sujeito do inconsciente ou simplesmente o indivíduo que se diz a si mesmo, bem como sobre o termo discurso. "Eu direi que é com a teoria do discurso que o que foi previamente pensado em termos de subjetividade foi doravante transposto por Lacan em uma nova escrita. A escrita dos discursos renova velhas preocupações, mas lhes dá outro status, pois lhes permite ler não as qualidades subjetivas, mas os efeitos da subjetividade relacionados à tomada dos sujeitos nas exigências da fala. Esta escrita rejeita implicitamente a hipótese de um novo sujeito, uma vez que ela o designa com uma única e mesma letra ($) ", diz Franck Chaumon.[4]

Para terminar, retomo o argumento de JMS: "o sujeito se situa a partir de uma relação ao saber cuja natureza é historicamente marcada, o que me parece completar o significado de “subjetividade do nosso tempo”... as subjetividades provocarão efeitos de deslocamentos de discursos cujos contemporâneos serão alterados." E ele dá exemplos: Sócrates... Freud, Lacan, para dizer que as relações entre homens e mulheres mudaram, insistindo no sujeito da ciência moderna, com Descartes.

O psicanalista, em seu trabalho um por um na cura, seria capaz de escutar os deslocamentos dos discursos e ser um fino conhecedor "das subjetividades de seu tempo", isso não é, antes, o trabalho de um sociólogo ou de um psicanalista, banhado, ele mesmo, no banho de publicações psicológicas e sociológicas e, assim sendo, também não tomaria para si “essas verdades" avaliadas pelo critério da quantificação estatística de um grupo de indivíduos? Que as subjetividades se modificaram, todos somos disso conscientes, mas isso concerne ao trabalho do sociólogo ou do antropólogo, e não do psicanalista.

"A inscrição histórica do sujeito", como o diz JMS, supõe a este uma consistência, poderíamos retomar as críticas de Nietzche do sujeito cartesiano, que o verbo pensar necessite de um sujeito gramatical não prova a existência do sujeito "algo pensa, mas que essa alguma coisa seja precisamente o antigo e famoso "eu [je]", isso não passa de uma suposição, de uma alegação, isso não é, sobretudo, uma evidência”.[5]

Erik Porge retoma a questão de Nicolas Guerin, a distinção entre sujeito e subjetividade, e mostra que, de fato, a princípio, para Lacan, "a subjetividade foi considerada como o próprio, a essência do

---

3 J. Lacan, « Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse », 1953 , dans *Ecrits*, Paris , Seuil, p. 321. [LACAN, Jacques. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1998, p. 322].

4 Franck. Chaumon « Sujet de l’inconscient et discours des sciences humaines », *Essaim*, 2010, n° 25.

5 F. Nietzche, *Par de là le bien et le mal*, Laffont p. 572-573.

sujeito". Com exceção do tempo lógico (1945) do qual já falamos.

Trata-se de ressituar a frase "a subjetividade de seu tempo" no contexto, "O discurso de Roma"(1953), e "ela não é separável da questão do fim da análise didática". Porge precisa: "Lacan fala de "alcançar em seu horizonte a subjetividade de seu tempo", a subjetividade não tem que ser definida ou descrita, o horizonte é um ponto de fuga e o sujeito não é o indivíduo, em 1958, com "O desejo e sua interpretação", o sujeito é identificado com o corte e não mais com a subjetividade.

No seminário "A identificação", de 1961, Lacan antecipa o que se tornou uma fórmula "o sujeito é representado por um significante para outro significante." Retomo a explicação de René Lew em "Teoria do significante": não é necessário que o sujeito em questão seja, ontologicamente, dado antecipadamente como prévio à essa articulação significante. O sujeito emerge dessa articulação significante, de forma concomitante com o significante... Um significante não se define senão após sua articulação com outro significante, cuja articulação determina o sujeito que assim se afirma e traz de volta essa articulação e, portanto, os significantes que se articulam."

Não há mais confusão possível entre o sujeito do inconsciente e a subjetividade, eles se excluem. Na proposição de 9 de outubro de 1967[6], Lacan retoma: é necessário "desenlamear esse sujeito do subjetivo".

O sujeito é dividido e se institui de sua destituição, ele não é senão representado por outro significante, o significante ele mesmo não é identificável, falamos de uma cadeia significante que não cessa de apagar os traços do sujeito.

Como dissemos, o sujeito do inconsciente não é um, ele é dividido e não é senão suposto, ele advém na cura pela fala e essa prática responde a certas condições e a um certo tipo de laço transferencial. De acordo com o lugar de ($) em cada discurso, o do mestre, da histérica, o universitário, o do analista, ele produzirá diferentes efeitos subjetivos sobre os demais e, portanto, sobre o laço social.

Os estudos sociológicos e psicológicos objetivam o sujeito, os fins das ciências humanas e as condições de produção do discurso sociológico e psicológico, que tentam definir categorias de população, são antinômicos aos do discurso analítico, que tem a ver com um sujeito singular

6 J. Lacan. « Proposition du 9 octobre 1967 », dans *Autres Écrits*, Paris, Seuil, p. 248. [LACAN, Jacques. "Proposição de 9 de outubro de 1967". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 253].